

# A vida entre vínculos: Uma abordagem sobre o modo de conceber a existência e a intervenção na comunidade

*Em representação de uma escritura coletiva do grupo de estudos da Fepal, Psicanalistas na Comunidade\*\*\**

## Introdução: A existência em territórios de incertezas

Na contemporaneidade, os laços sociais estão cada vez mais desfeitos e nossas instituições refletem uma cultura afetada (doente) pela lógica colonial na qual foi fundada. Vivemos em um estado de *apartheid* social, onde o bem comum não é para todos, onde o reconhecimento social é percebido como um privilégio sustentado para uns poucos por instituições questionadas em seus funcionamentos morais e jurídicos. Existe uma segregação social que compromete toda a civilização e destrói a possibilidade de viver juntos (*con-juntos*) ou em comunidade (*com-unidade*), impondo sobre o valor solidário a ética da singularidade.

Os processos civilizatórios não permitiram um nexo entre a experiência do reconhecimento social e a relação do sujeito consigo mesmo. Assim, dificultou-se a construção saudável de uma identidade pessoal e coletiva. Essas dependem das relações primárias tanto como dos direitos jurídicos dos membros de uma comunidade e dos laços afetivos que são tecidos entre eles para não sucumbir a processos de alienação.

Transformar as segregações e exclusões que são exercidas sobre certas identidades pessoais e coletivas é transitar o caminho em direção a uma *função emancipadora* dos diversos integrantes do coletivo social.

Como reação ou resposta frente a esta falta dos fatores de coesão das relações com o outro, os colegas que integram o grupo Psicanalistas na Comunidade se propõem a uma intervenção *em e com* a comunidade, na qual prime o respeito ao outro, um reconhecimento de suas representações e sensibilidades, de seus direitos e suas éticas, de suas práticas e saberes.

Este coletivo de psicanalistas tem como objetivo estudar, pesquisar e socializar práticas de intervenção, assim como entrar em contato com outros países e instituições em suas diferentes culturas, o que enriqueceu o acervo de conhecimento disponível.

Trabalhamos para sustentar com firmeza uma identidade como *psicanalistas implicados* na comunidade, ressaltando nessa identidade um trabalho grupal democrático na tomada de decisões e uma horizontalidade na constituição de suas relações. Horizontalidade que permitiu a integração de diversas práticas e éticas que geram alianças e acordos com diferentes lógicas institucionais.

O analista implicado neste trabalho necessita estar aberto, com assombro e surpresa, para o surgimento de rupturas epistemológicas para desnaturalizar o que a sociedade considera óbvio, naturalizado e estruturado, por exemplo, as práticas de violência, exclusões, racismo, etc. (APdeBA, 27 de novembro de 2021).

## 1. Algo sobre o enquadre

Segundo Freud, a criação de um grupo estaria facilitada pela possibilidade de compartilhar um objeto em comum que ocupe o lugar do ideal egóico, objeto que pode ser uma pessoa (o líder) ou uma ideia (o conceito de Nação ou a ideia de um deus). Nesse esquema que Freud descreve em *Psicologia das massas e a análise do eu* (1921/1995), a relação hierárquica do poder e a submissão operam como fatores de coesão.

Ampliando as ideias de Freud, nosso grupo destaca outro fator na constituição grupal: as relações entre pares baseadas no apego (Bowlby, 1979), na confiança básica (Erikson, 1990).

A confiança básica emerge do enlace de apego, que em psicanálise tomou como modelo a relação que uma mãe estabelece com sua cria. Nesse vínculo, o cuidador capta, via identificação, as necessidades do outro em desenvolvimento e desamparo, o infante, e dá resposta a suas necessidades primárias; a mãe consegue *con-sentir* e refletir em seu ser as necessidades desse ser com uma constituição psíquica em desenvolvimento. Nesse modelo, a relação se baseia em uma sustentação, e não em uma submissão (Bowlby, 1979).

Tal sustentação oferecida pela mãe permite ao bebê ir construindo segurança, confiança e esperança, em si mesmo e no mundo, premissa fundamental na construção de um vínculo saudável com um semelhante.

Proposto de outra forma, um vínculo com a comunidade poderia ser construído baseando-se em relações empáticas, que se opõem a uma ética de submissão e se fundamentam em uma ética solidária e emancipatória.

Nosso grupo pratica em seus vínculos um modelo horizontal porque não busca impor a uniformidade de modos de pensar e de sentir, e sim busca dar espaço e reconhecimento à diversidade, para si mesmo e para com o outro. O diálogo e as relações entre os diversos sujeitos de um grupo estariam sustentados na cocriação e no respeito às alteridades que constituem um universo grupal; essas ações permitiriam o desenvolvimento da *ética solidária e emancipatória*.

Este último conceito se orienta à construção de uma ação na qual as diferenças humanas são transmitidas sob vínculos de confiança e de fidelização ao outro. Essa postura inclui a presença permanente do conflito como motor do desenvolvimento,

\* Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.

\*\* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

\*\*\* Agradecemos a colaboração dos colegas Fernando Orduz, Cristina Curiel, Dinah Cárdenas, Lilian Ferreyros, Teresa Rocha, Alicia Lew-cowicz, Mirta Itlman, Diana Zac e Gabriela Salazar, assim como a atenta leitura de Fernando Orduz e Liliana García Domínguez.

do dissenso como prática dos *diversos* – entendendo *diversos* como “diferentes” – e dos efeitos destrutivos gerados nas relações humanas pelos afetos ligados ao ódio e à hostilidade em contextos onde coexistem lógicas de existências diversas.

A *presença solidária* nos leva a pensar que nosso atuar em comunidade implica uma responsabilidade *com e por* o outro. O trabalho psicanalítico como prática implica um registro e reconhecimento das necessidades emocionais do outro como indivíduo e como ser social para poder ir coconstruindo os sentidos que vão emergindo (Mansione, 2007/inédito).

Podemos pensar que são relações que se estabelecem de uma forma *sólida*, em contrapartida com o que Bauman (1999/2002) denomina na contemporaneidade como relações *líquidas*. Parafraçando Bauman, fizemos uma liquefação de nossas relações humanas.

Para compensar algo deste desapego dos vínculos, Psicanalistas na Comunidade trabalha para a recuperação das práticas de solidariedade.

O reconhecimento do outro é construído, como já mencionamos, a partir da identificação empática característica no desenvolvimento humano do vínculo primário materno. Para alcançar essa identificação se requer uma *presença estável* do outro significativo, o que permite uma relação mutualista.

Em concordância com o dito anteriormente, propõe-se o vetor vincular do desejar com o outro, do pensar *ao* outro, do estar com o outro, como um modo de dar qualidade de existência ao humano e de humano à existência, proporcionando a mentalização das experiências.

Sobre o desejo, este não necessariamente é pensado a partir da perda; acrescentamos a ele a possibilidade de pensá-lo também na capacidade de sonhar e almejar, incluído em um tempo futuro, transformador do presente no qual se projeta a inclusão do outro em um sonho coletivo. Esse cenário requer intervenções que sustentem um ambiente confiável e de fidelização aos vínculos inter-humanos.

Pensamos que sonhar conduz a desenvolver contenção, alojamento, redes, tramas sociais aconchegantes, construção em tempos de encontro/desencontro para escutar o que o outro sente, amortecendo a crueldade da vida. Dessa forma produz-se um efeito intersubjetivo de bem-estar nas relações. Sonhar de forma conjunta, tecer novas formas de existir é um caminho que convoca à esperança e à possibilidade de diluir impactos que geram raiva, exclusão e diversos mal-estares.

Ver, escutar e sentir o outro inclui também uma sensibilidade da apelação ética que o outro nos dirige. Isso implica a existência de uma responsabilidade ética e afetiva com o outro.

Butler (2017/2019) menciona que a vida e a condição de existência podem ser consideradas precárias/incertas porque são suscetíveis de terminar a qualquer momento. Não há vida que não seja precária. Toda forma de vida depende de condições incontroláveis que tornam possível ou não sua persistência. Não obstante, é evidente que determinadas populações estão submetidas a formas específicas de precariedade devido a políticas sociais, a exposição à violência ou às guerras.

Lévinas (citado em Butler, 2017/2019) se refere ao “rosto do outro”, e destaca que seu rosto (*visage*) deve aparecer e nos afetar por meio de uma experiência sensível. No entanto, algumas vidas ficam excluídas. A visão do outro depende de certas condições de visibilidade socialmente determinadas, que não são possíveis para todas as pessoas.

Portanto, é nossa responsabilidade analisar e transformar a esfera de visibilidade sobre a qual descansa a política pública (Lewkovicz *et al.*, 2019).

Encontrar o outro, estar com o outro, sonhar com outros é o que permite construir relações de solidariedade. O contrário seria a violência daquelas experiências nas quais não se encontra a quem se espera e se necessita no lugar onde se esperava encontrar; isso seria o desencontro com o outro, a ausência do outro; seria a dinâmica que rompe com a *diversidade solidária*.

Ailton Krenak (2019), filósofo indígena brasileiro contemporâneo, diz que nosso tempo e suas práticas se especializaram em “criar ausências: do sentido de viver em sociedade [...] isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar.” (p. 26); no entanto, nos dá esperanças, pois diz que o mundo “está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover” (p. 26).

## 2. Transitoriedades e solidariedade

*Sol-i-dari-e-dade...* solidariedade... Como poderíamos os seres humanos ser como “sóis” entre nós, sol que ilumine e dê vida às relações com outros..., que nosso relógio interno nos marque e lembre a hora na qual nos tornemos luz solidária para alguém que esteja necessitando que a sejamos?

Se chamamos *ritmo circadiano* o movimento que mantém o cérebro e o corpo em sincronia com o sol, poderia propor-se a aceção de *ritmo solidário* para denominar esta necessidade de empatia e vinculação que permite desfrutar o verdadeiro encontro com o outro.

Principalmente, em contextos de incertezas, o que não pode ser transitório é o vínculo solidário, pois esse se transforma em uma fonte de saúde integral ao fornecer nutrientes para a vida em comum e para a sensação de estar sozinho, mas bem acompanhado (Winnicott, 1993/1996).

O grupo Psicanalistas na Comunidade entende a solidariedade surgindo de um trabalho horizontal e de intercâmbio com os diversos agentes de uma comunidade, onde aprendemos uns de outros e, ao aprender, ensinamos.

Nestes tempos de pandemia onde a presença física se interrompeu, pode-se trabalhar mais do que nunca a partir do laço social para antecipar a possibilidade de contágio.

Em alguns setores ecoou outra possibilidade que não estava ligada à distância como saúde; esse conceito foi o da *imunidade de rebanho*.

Neste conceito, a prevenção estaria dada pelo processo de proximidade psicossocial com o outro. Tomando essa ideia como modelo, Santiago Levin (13 de abril de 2021; 16 de abril de 2021), ex-presidente da Associação Psiquiátrica Argentina, propõe a noção de *solidariedade de rebanho*. “Para a imunidade frente ao vírus é necessário vacina; para a solidariedade de rebanho é necessário comunicação” (13 de abril de 2021).

E nós acrescentaríamos: é preciso encontro, possibilidade de colocar palavra, praticar uma escuta atenta e disponível, porque somos primariamente seres sociais, que geramos um campo comum com outros, no qual representamo-nos de maneira coletiva e individualmente.

A integração que se opõe à marginalidade por momentos se perde, não só pela pandemia, mas pelos preconceitos e processos de exclusão social das políticas públicas que descuidam dos direitos humanos. Isso tem como efeito a produção de um *pathos* nos sujeitos que são afastados das dinâmicas sociais.

A marginalização implica uma ausência de recursos econômicos, legais e psíquicos, que impede o desenvolvimento de potencialidades dos sujeitos. Então, a exclusão social provoca estados de carência e fratura a nível psicológico, ou seja, *dessubjetivação* que emerge nas populações vulnerabilizadas a partir de uma desqualificação do valor da vida, desqualificação que, longe de ser transitória, torna-se permanente. Como exemplo, um jovem que morava na rua, entrevistado por uma futura docente, quando ela lhe perguntou sobre o que gostaria de ser ou fazer no futuro, respondeu imediatamente: “O que gostaria é de viver”.

Trabalhamos produzindo novos núcleos humanos nos quais se ressignificam os laços sociais. Com isso se favorece o cumprimento da necessidade universal de reconhecimento socioafetivo no espaço inter-humano da experiência. Isso acontece porque nesses novos núcleos se confere visibilidade ao que se manteve oculto, e com isso começa uma comunicação que inclui a verdade e alivia os pesares que origina a negação do que acontece e é registrado.

O reconhecimento do trabalho em e com a comunidade implica que o trabalho solidário, de equipe, de apoio de uns a outros, está gerado pela participação de sujeitos com diversas características de personalidade, de inteligências, de modos de aprender, de se comunicar, de se afetar, de amar, aceitos em suas peculiaridades.

Nesta perspectiva, a diversidade se opõe à perspectiva das relações baseadas no vínculo especular, que só quer encontrar no outro o reflexo de uma mesmidade que pensa somente em representações uniformes, em uma comunidade de iguais.

O trabalho comunitário que propomos inverte o conceito tradicional de respeito hierárquico que circula na sociedade de tipo patriarcal. Coloca-se a ênfase na noção de relação, laço, vínculo como o outro.

A palavra *solidariedade* em sua origem latina tem sua raiz na ideia de solidez, o que remete a um suporte e uma estabilidade. O laço solidário seria como o alicerce que nos constitui, o eixo que dá uma base segura nas relações com o outro.

Em uma época como a atual se poderia pensar que uma noção como a sólida solidariedade se rompe e se torna incerta pela turbulência que gera a propaganda da individualidade nos famosos *slogans*: “você pode”, “faça você mesmo”, “seu futuro só depende de você”. Esses *slogans* tratam de um convite para que cada um salve sua própria pele, como se fosse possível o solipsismo individualista.

Um dos fundadores do grupo Quilapayún e do grupo Ameríndios, Julio Numhauer (12 de novembro de 2019), diz algo interessante em uma canção que nos evoca muitas representações em torno à solidariedade:

*Um bambu é muito fino e muito fácil de quebrar,  
mas se juntamos vários, são difíceis de dobrar.  
Se um camponês se une  
ou o mineiro, o pescador,  
todos os trabalhadores serão um braço e uma voz.<sup>1</sup>*

Eros sendo o modelo de nossos vínculos comunitários acrescenta criatividade e transformação à noção de solidariedade e empatia, na ética das relações. Byung-Chul Han retorna, em seu ensaio *Agonia do Eros* (2012/2020), alguns pensamentos de Breton sobre a força universal de Eros: “O Eros se manifesta como cupidez revolucionária por uma forma de vida e de sociedade totalmente distinta. Sim, ele mantém de pé a fidelidade do porvir”<sup>2</sup> (p. 15). A solidariedade está ligada à vocação de ser humano frente ao semelhante (Tovar, 29 de julho de 2021).

E, como vínhamos dizendo nestas práticas de solidariedade, que por sua vez são processos de subjetivação, realiza-se um tipo de reconhecimento no qual o sujeito experimenta *sentir-se pensado por outro*.

Havia uma festa em uma escola localizada em uma área com população vulnerável, uma professora de primeiro ano se encarregou de uma apresentação escolar, colocou muito empenho em organizar a festa de uma data cívica e, para que as crianças contassem com fantasias adequadas, entregou a cada mãe os elementos para preparar os trajes em questão. Suspeitando que alguma mãe pudesse esquecer de fazer a roupa ou trazê-la, ela preparou algumas indumentárias extras, caso pudesse se fazer necessário. No dia da apresentação, uma das crianças não tinha a vestimenta e chorava angustiada, então a professora lhe ofereceu uma das fantasias preparados por ela e disse que com certeza sua mãe tinha tido algum problema. A criança, já mais calma, comentou: “Estou muito feliz porque você pensou em mim”.

Um grupo de psicanalistas estava trabalhando com este primeiro ano, pois as crianças não conseguiam sentar-se e se concentrar durante a aula; trabalhava-se com dispositivos como a escuta ativa e respeitosa, a leitura apaziguada – benevolente – dos problemas e a esperança de que uma mudança era possível, assim como era possível conhecer as crianças e a existência na qual vivam a partir do desenho, da dramatização, do humor, etc. A atitude da professora e a frase da criança davam conta dos resultados de tanta atividade solidária da qual todos aprendíamos. Por outra parte, a mãe, mãe de uma família numerosa, não foi culpabilizada por seu esquecimento, foi tratada com amabilidade e lhe foi sugerido que, para não se esquecer, buscasse algum tipo de estratégia como forma de se lembrar. Confiamos no “efeito cascata” de cada situação vivida, ou seja, que a experiência seja transmitida de uma criança para outra, de um pai para outro, de um docente para outro, e com isso confiamos também na identificação como modelo de aprendizagem em um contexto de solidariedade. É desejável incluir a escritura dessas questões, pois se transforma em um registro que compartilha fatos, vivências e experiências, e deixa um legado (Eco e Carrière, 2009/2010).

1. N. do T.: Tradução livre.

2. N. do T.: Tradução de Giachini, E. P. A tradução se corresponde à p. 47 de: Han, B-Ch. (2017). *Agonia do eros*. Vozes. (Edição digital)

A palavra alemã *Solidarität* ressalta a entrega, o intercâmbio, o andar juntos. A solidariedade não pode ser uma ação gerada frente a situações de emergência. Não pode ser transitória, e se assim for, é preciso trabalhar para que se constitua em um direito que se necessita habitar.

Lembramos que estamos em meio a um momento histórico no qual os tecidos sociais se partem devido ao impacto destruidor da violência gerada a partir de estruturas excludentes. Uma bela maneira de não cair nessa dinâmica desumanizante é pensar na ideia de construção coletiva, a ideia de conjunto.

### 3. As abordagens interdisciplinares

As práticas coletivas do grupo Psicanalistas na Comunidade implicam necessariamente a *interdisciplinaridade* nos marcos teóricos e nos dispositivos de intervenção, seja trabalhando com escolas, com hospitais, na emergência, etc. Sozinhos não podemos estar, necessitamos do grupo e da interdisciplinaridade.

Trabalhar interdisciplinarmente é uma experiência que promove a humildade do conhecimento e a riqueza da interação com outros em um mesmo território, com o objetivo primordial de cuidar da vida em comum, pois se vive e se cresce em vínculos. A vida é um entrelaçamento com os outros, é um enlace solidário que permite a vida.

Para poder trabalhar na comunidade, requer-se uma coragem que permita sair do narcisismo e do etnocentrismo, e a prática interdisciplinar é um bom dispositivo em tal sentido. A coragem se opõe ao temor, e esta é uma atitude que se requer para transformar o mal-estar que se gera ao sair da zona de conforto na qual vivemos para transitar em zonas desconhecidas, inexploradas e incertas, que questionam formas tradicionais de sentir e pensar.

A transformação do mal-estar não se faz sem resistências. Essas adquirem significados articulados com os temores e fantasias que emergem ao sair de uma zona conhecida para zonas não transitadas e desconhecidas. Por exemplo, quando se propõe a mudança de moradias precárias para apartamentos ou casas que foram construídas a partir de certas políticas públicas de erradicação de favelas, as pessoas sentem diversos desgostos que os políticos não costumam entender bem. Elas estão como incrustadas nessas paredes precárias; sua identidade está entranhada nelas. Essas mudanças requerem trabalho interdisciplinar: antropólogos, psicanalistas, sociólogos que compreendam a constituição da subjetividade e da identidade, e possam acompanhar um processo com incertezas identitárias.

Para nossa interioridade e sensibilidade psicossocial, é forte o efeito das práticas na comunidade, pois implica transitar por uma gama de afetos que vai do polo da frustração e da tristeza, que desmotivam no exercício do trabalho, até a excitação maníaca que nos conduz ao *furor curandis*. Retomando as ideias de Bion (1962/2003), é importante no trabalho comunitário ser receptivo e côncavo com as experiências novas até compreendê-las. Em qualquer atividade com outro, e em particular no trabalho comunitário, pode emergir na tentativa de conter um mal-estar associado a experiências que podem transbordar por sua magnitude (por exemplo, os desastres naturais) ou pela presença iminente da morte e da impotência que ela gera (como no trabalho em hospitais ou favelas, ou em situações de emergência e morte).

Nossos grupos de trabalho precisam de uma estrutura e dinâmica que favoreça:

a. o sentir-se contido por outros para aproveitar, na qualidade de comunicação intersubjetiva, as transferências e as contratransferências experimentadas que possam nos afetar;

b. estabelecer com as pessoas, grupos e instituições uma comunicação em *rêverie* que ajude a processar o intolerável em prol do bem-estar mental da comunidade com a qual estamos trabalhando;

c. colocar em prática uma escuta ativa que implica receber o que o outro sente e pensa, e acolher tanto o que se diz como o que não se diz. Uma prática que implica ouvir as nuances do silêncio e as tonalidades do ruído. Uma escuta com respeito, que não interrompa nem se precipite com considerações baseadas em teorias prévias. É a escuta que encontra a teoria nos fatos e nos ditos do falante. Uma escuta ativa que parte de reconhecer o outro como sujeito autônomo, singular e coletivo, e cuidando para não patologizar aquilo que não podemos entender ou metabolizar.

A *escuta ativa* se abre ao grupo e às vozes institucionais. O psicanalista está convidado a ser participativo, aceitando diferentes níveis de intercâmbio nos vínculos intersubjetivos e empatizando com a diversidade de formas comunicacionais do coletivo. A intervenção na comunidade, seja nos grupos ou instituições, é realizada a partir de uma *interpretação compreensiva* que inclui o contexto, o sujeito, os vínculos, e que é enunciada sem certezas, tem um sentido exploratório na moderna concepção de pesquisa/ação (ou seja, pesquisa-se a partir das mesmas intervenções, unindo em tensão o que começa a compreender).

Esta escuta ativa precisa de treinamento psicanalítico sobre as formas de captar o inconsciente que circula e sobre a polifonia de significações que implica trabalhar nos processos coletivos.

A abertura à escuta ativa do outro, de seu sofrimento, é necessária para possibilitar a convivência entre os humanos e deve incorporar as próprias contradições, reconhecendo que o “estrangeiro” habita no interior de si mesmo, de cada um de nós ou dos outros.

Podemos pensar a escuta ativa como uma forma de destravar as invisibilidades vividas pelos atores da comunidade frente à violência estrutural e multidimensional que os afeta em diferentes níveis, especialmente aqueles que vivem em zonas de maior risco social. Ali o vulnerável não está dado somente pela variável econômica, mas pela quantidade e qualidade de laços sociais nos quais se vive e nutre a experiência de viver que vulnerabiliza.

As equipes incluídas em Psicanalistas na Comunidade visibilizaram a necessidade de um diálogo constante com colegas de trabalho. Dessa forma, as ansiedades que sejam suscitadas na interação comunitária podem ser o motor de transformações. Do contrário, corre-se o risco, na clínica do social, de cair em um assistencialismo, perdendo criatividade e descuidando a reativação da potência inerente aos sujeitos envolvidos nestes processos.

### 4. Como pensamos o *sujeito* das ações solidárias?

O desenvolvimento humano seria incompreensível se não o situássemos em uma dimensão histórica e cultural (Schutz, 1962/1995).

Por exemplo, no momento em que estas ideias sobre o comunitário são propostas, é necessário ressaltar o contexto de incerteza que a pandemia gerou, afetando nossas relações com o outro. Qualquer ação coletiva que implique aproximação corporal teve conotação de perigo para a saúde.

Como temos proposto, entre nossos objetivos está ampliar os registros de comunicação da comunidade e seus atores sociais. A intervenção de um analista permite contribuir com recursos para mediar e reconhecer representações e sentires que de outra forma não poderiam ser levados em consideração.

O trabalho analítico na comunidade necessita, acima de tudo, dos *registros intuitivos* de fatos, vivências e experiências, que ao serem levados em consideração permitem desenvolver um trabalho preventivo que antecipe possíveis problemáticas e resulte orientativo em relação às estratégias para a intervenção.

Do dito acima deriva, como recomendação, um treinamento permanente em ser receptivo aos elementos emocionais que circulam em grupos e instituições, e que possam ser identificados atuando com intuição, empatia e um pensamento em *responsabilidade social*, pois o destinatário da intervenção é a comunidade (Butelman, 1996).

A comunicação das intervenções do analista em comunidade implica selecionar os termos com os quais nos comunicamos, o tom de voz, os gestos, para promover o cuidado do outro buscando mais um equilíbrio, uma homeostase, que uma catarse emocional.

## 5. O que têm em comum práticas tão diferentes?

Enumeraremos algumas premissas do trabalho comunitário da rede que integrou o grupo Psicanalistas na Comunidade.

*Trabalhar compartilhando tempo, espaço, objetivos, com um sujeito ao mesmo tempo singular, grupal e coletivo, um semelhante, ainda que não igual.* Temos como missão repensar processos de subjetivação aplicados na sociedade, em seus diferentes agrupamentos, tentando reconstruir alguns problemas atuais da subjetivação em relação a temáticas tais como a igualdade de oportunidades no projeto de viver, a emancipação do pensamento, o exercício da liberdade no âmbito público, a tolerância diante o diferente, a capacidade criativa na constituição das relações humanas. Levando em consideração as diversas lógicas que sustentam o conceito de sujeito coletivo.

*Trabalhar com um sujeito com o qual se compartilham estados de vulnerabilidade, entendida em sentido amplo.* Considera-se que a vulnerabilidade pode habitar qualquer ator social na medida em que este não se encontre com uma adequada provisão ambiental e de recursos psíquicos e sociais para o processamento de situações vitais. Nesses contextos é produzida a vulnerabilização.

*Gerar e sustentar, dentro do possível, uma certa presença nas políticas de Saúde Pública.* As equipes integrantes desta rede buscam diferentes formas de estar presentes ou se aproximar das políticas públicas a partir das quais possam-se difundir projetos de intervenção ou prevenção, atendendo ao cuidado da vida e da saúde integral desde suas origens. Para isso, necessitamos especialistas que nos orientem sobre como gerir estes projetos em relação às políticas públicas.

*Promover um trabalho horizontal em interdisciplina e ao mesmo tempo respeitoso às assimetrias nos diferentes projetos comunitários.* As diferentes equipes lideram projetos criados *ad hoc* para cada situação. O trabalho é gerido trabalhando com os diversos atores comunitários de forma horizontal e democratizando as práticas.

*O grupo de estudos se vincula com diferentes estamentos da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) para colaborar com mudanças no currículo de formação do analista, buscando dar lugar a um seminário ou espaço curricular sobre teoria e técnica nos modos de intervenção na comunidade. Além disso, procuramos outorgar maior presença às instituições psicanalíticas dentro de cada comunidade e na defesa dos direitos humanos.* Difunde-se e se propõe um modo de escutar, de ler, de proceder para administrar situações de desacordo, adversidade, hostilidades. Consideramos que a visão psicanalítica fornece dispositivos para impulsionar os desenvolvimentos detidos, obstaculizados ou impedidos.

O lema de Psicanalistas na Comunidade é que o trânsito pela vida se realiza a partir dos vínculos e que nesse intercâmbio são gerados os processos de transformação. A proposta é trabalhar em e com a comunidade para transformar um muro em trampolim, como diz o poeta Rilke (1905/2005).

## 6. Transitoriedades e incertezas em uma atualidade que dói e compromete

Para finalizar, retomamos a preocupação inicial sobre a segregação que compromete toda a civilização e a possibilidade de viver juntos ou em comunidade em territórios de incertezas. Podemos dizer que vivemos, atualmente, uma forma sistêmica e singular de *apartheid* social com deslocamento humano planetário em busca de sobrevivência.

Segundo estatísticas do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no final de 2020 existem no mundo aproximadamente 82,4 milhões de deslocados à força e 26,4 milhões de refugiados, mais da metade são menores de dezoito anos, além de pessoas apátridas às quais lhes foram negados uma nacionalidade e o acesso a direitos básicos.

O número impressiona, mas impressiona mais a vida que transcorre para o sujeito que transita uma fuga como única defesa para poder sobreviver.

A ameaça de morte para estes sujeitos não é uma fantasia, é uma realidade assustadora, e o mundo interno dessas pessoas transita estados emocionais que oscilam entre o medo e o terror.

A subjetividade passa do inferno tão temido ao purgatório onde o *medo-terror* se conjura com algumas possibilidades defensivas, e nesse contexto se situam os fatos, as vivências e as experiências. É o contexto de sobrevivência no qual o terror pode ser o de nunca deixar de *ser clausurado*.

A subjetivação dessas pessoas se encontra dolorosamente com ausências em sua vida. Ali onde o sujeito deveria encontrar quem espera e necessita para elaborar suas situações vitais, nada encontra. Na fuga o sujeito procurará, no melhor dos casos, recriar laços psíquicos e sociais, indispensáveis para construir *presenças*.

Neste cenário, encontramos com uma *subjetividade em trânsito* ancorada em ambientes cruéis e violentos, de risco para a vida pessoal e familiar. Pela necessidade de sair desses cenários, tende-se a construir mitos/crenças/ideias a partir das quais surja um sentido para viver uma vida que valha a pena ser vivida.

O refugiado, subjetivamente, passa de estar em risco em seu país a ser alojado em outro, onde pode experimentar vivências de alheamento e estranheza em relação a outra cultura e em ocasiões, outra língua. Para estar protegido e contar com recursos para sua educação, saúde e trabalho no país onde chegou, sofre vivências de confinamento pela restrição de liberdade, no sentido de não poder sair do país que o acolheu.

A importância de manter a continuidade do existir – ou seja, manter certas práticas que organizam a vida psíquica e social – pode dar a direção para os grupos de psicanalistas que se façam presentes nestes processos: ora planejando ações de prevenção, ora como grupos de acompanhamento, contenção, informação, defesa dos direitos humanos, busca de trabalho, etc.

Podemos nos propor a acompanhar uma mudança de um estado do existir por outro mais auspicioso.

E nos encontramos com as marcas do trauma social que tende a gerar um conjunto de significados, às vezes impenetráveis, com convicções e certezas que sustentam a condição traumática no interior das pessoas, organizando representações de repetição do *temido* no país de chegada.

Pratiquemos *ritmos solidários*, vinculando-nos com empatia a partir do relógio interno que nos marca e lembra a hora de nos tornarmos luz solidária para alguém que está necessitando que o sejamos!

## Resumo

Este artigo apresenta uma escritura coletiva do grupo de estudos da Fepal, Psicanalistas na Comunidade, oficializado em março do ano 2020. Participam psicanalistas que representam instituições da Fepal e grupos das mesmas em diferentes países: Argentina, Brasil, México, Peru, Uruguai, Colômbia e Equador. Fazemos extensão, pesquisa e docência para sustentar *ritmos solidários*. Privilegiamos as *vozes dos sujeitos* nas diferentes comunidades a partir de uma psicanálise implicada em construir presenças necessárias para um desenvolvimento humanizador. Os sonhos são o primeiro passo na construção de projetos, e no caso do trabalho em território, é possível partir de sonhar com transformar algumas formas da existência por outras mais esperanças para a comunidade, os grupos e os sujeitos.

O artigo percorrerá considerações sobre *ética solidária*, *laço solidário*, *interdisciplinaridade*, *diversidade solidária*, *escuta ativa*, enunciando os denominadores comuns de tantos projetos latino-americanos.

**Palavras-chave:** *Comunidade, Laço social, Dessubjetivação, Ética das relações, Interdisciplina.*

## Abstract

This article presents a collective writing of the Fepal study group Psychoanalysts in the Community, officialized in March 2020. Psychoanalysts are representing Fepal institutions and groups in different countries: Argentina, Brazil, Mexico, Peru, Uruguay, Colombia and Ecuador. We do outreach, research and teaching to sustain *solidarity rhythms*. We privilege the *voices of the subjects*

in the different communities from a psychoanalysis involved in building the necessary presences for humanizing development. Dreams are the first step in the construction of projects, and in the case of work in the territory we can start by dreaming of transforming some forms of existence into others that are more promising for the community, the groups and the subjects.

In this article we will look at considerations about *the ethics of solidarity*, *the solidarity bond*, *interdisciplinarity*, *diversity in solidarity*, *active listening*, stating the common denominators of so many Latin American projects.

**Keywords:** *Community, Social bond, Desubjectivation, Ethics of relationships, Interdiscipline.*

## Referências

- Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires [APdeBA] (27 de novembro de 2021). Secretaría científica: Psicoanálisis implicado con la comunidad [vídeo]. *Youtube*. <https://www.youtube.com/watch?v=lwytOisHZto>
- Bauman, Z. (2002). *La modernidad líquida*. Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1999).
- Bion, W. (2003). *Apreniendo de la experiencia*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bowlby, J. (1979). *Cuidado maternal y amor*. Fondo de Cultura Económica.
- Butelman, I. (comp.). (1996). *Pensando las instituciones*. Paidós.
- Butler, J. (2019). *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia*. Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 2017).
- Eco, U. e Carrière, J.-C. (2010). *Nadie acabará con los libros*. Lumen. (Trabalho original publicado em 2009).
- Erikson, E. (1990). *Infancia y sociedad*. Horme.
- Freud, S. (1995). *Psicología de las masas y análisis del yo*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).
- Han, B.-C. (2020). *La agonía del Eros*. Herder. (Trabalho original publicado em 2012).
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Levin, S. (13 de abril de 2021). “Para la inmunidad de rebaño se necesitan vacunas, para la solidaridad de rebaño se necesita comunicación” Dr. Santiago Levin. *La900*. <https://www.la900.com.ar/noticias/para-la-inmunidad-de-rebaño-se-necesitan-vacunas-para-la-solidaridad-de-rebaño-se-necesita-comunicacion-dr-santiago-levin>
- Levin, S. (16 de abril de 2021). “Con la comunicación podemos ir alcanzando la solidaridad de rebaño”. *Ensamble Contenidos*. <https://ensamblecontenidos.com.ar/2021/04/16/con-la-comunicacion-podemos-ir-alcanzando-la-solidaridad-de-rebaño/>
- Lewkovicz, A., Freitas, M. de F., Maltz, F., Goldstein, J., Wainstein, M. e Fortes, S. (2019). Violência social e ética nas instituições de ensino. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(3), 443-454.
- Mansione, I. (dir.) (2007). *Violencia en y de la escuela*. Informe final de investigación, Dirección de Investigación de la Dirección General de Educación Superior de la Provincia de Buenos Aires, Res. 37/2007. (Inédito).
- Numhauser, J. [Alerce La Otra Música] (12 de novembro de 2019). “Los colihues” del álbum “Tu sueño es mi sueño... Tu canto es mi canto”/Amerindios [vídeo]. *Youtube*. <https://www.youtube.com/watch?v=liRfANo3MpE>
- Rilke, R. M. (2005). El sepulcro de una muchacha joven. Em R. M. Rilke, *El libro de las horas*. Hiperion. (Trabalho original publicado em 1905).
- Schutz, A. (1995). *El problema de la realidad social*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1962).
- Tovar, H. (29 de julho de 2021). Albert Camus: Una ética de la solidaridad. *Postperiodismo*. <https://postperiodismo.com.ar/2021/07/29/albert-camus-una-etica-de-la-solidaridad/2021>
- Winnicott, D. (1996). *El hogar, nuestro punto de partida*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1993).

Tradução do espanhol: Schirlei Schuster